

2.1 APRESENTAÇÃO DE “A OFERENDA SUBLIME” (O SUBLIME COMO EXPERIÊNCIA DA LIBERDADE OU APÓS A LEITURA DE “A OFERENDA SUBLIME” DE JEAN-LUC NANCY)

[PRESENTATION OF “THE SUBLIME OFFERING” (THE SUBLIME AS AN EXPERIENCE OF FREEDOM
OR AFTER READING JEAN-LUC NANCY’S “THE SUBLIME OFFERING”]

VIRGINIA DE ARAUJO FIGUEIREDOⁱ

<https://orcid.org/0009-0009-7967-0042>

Universidade Federal de Minas Gerais– Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: O texto pretende ser uma apresentação ao ensaio de Jean-Luc Nancy, “A oferenda sublime”, traduzido e publicado aqui neste volume pela primeira vez no Brasil, quitando uma dívida antiga. A partir de uma profunda afinidade que se encontra nos ensaios dos dois amigos, Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe (ambos publicados no livro *Du sublime*), tenta-se estabelecer um *pendant* entre os mesmos. A convergência especial é a apresentação positiva que ambos fizeram da questão do sublime, confrontando-se com uma longa e tradicional interpretação negativa.

Palavras-chave: Kant; Nancy; Lacoue-Labarthe; Sublime

Abstract: The text intends to be a presentation of the essay by Jean-Luc Nancy, “A oferenda sublime”, translated and published here in this volume for the first time in Brazil, repaying an old debt. Based on a deep affinity found in the essays of the two friends, Jean-Luc Nancy and Philippe Lacoue-Labarthe (both published in the book *Du sublime*), an attempt is made to establish a *pendant* between them. The particular convergence is the positive presentation that both made of the question of the sublime, confronting a long and traditional negative interpretation.

Keywords: Kant; Nancy; Lacoue-Labarthe; Sublime.

A seção de textos em tradução do autor homenageado, organizada de modo cronológico, inicia com o importante ensaio, “A oferenda sublime”. Ele apareceu originalmente na série “Analítica do sublime” da revista *Po&sie*, entre os anos 1984 e 1986, na época em que o sublime entrou na moda, especialmente entre os filósofos franceses.¹ É o próprio Jean-Luc Nancy que nos relata isso, no Prefácio da antológica coletânea, *Du Sublime*, organizada por ele e Michel Déguay, publicada, por sua vez, em 1988 e que reuniu a contribuição de vários autores, senão quase todos aqueles “filósofos franceses” (com as ruidosas ausências de Jacques Derrida e Gilles Deleuze) que estavam debruçados sobre o sublime, cito alguns participantes, além dos organizadores: Jean-François Lyotard, Jacob Rogozinski, Jean-François Courtine e Louis Marin. Conforme classifica Nancy seu próprio ensaio, junto com o de Éliane Escoubas (a única mulher) e Philippe Lacoue-Labarthe, tinha por objeto a apresentação sublime em si mesma. Ainda no mesmo Prefácio, Nancy já havia esclarecido que a tradição filosófica ocidental nos transmitira a estética ou a “apresentação sensível como questão”,² e mais, que o próprio sublime fora transmitido, “enquanto questão da *apresentação*.”

Da minha parte acrescento que a maioria dos ensaios reunidos naquele poderoso livro destacou a análise do sublime da *Crítica da Faculdade de Julgar* (CFJ) de Immanuel Kant. Para dar exemplo, volto aos três ensaios ressaltados pelo prefaciador: Philippe Lacoue-Labarthe, em “A verdade sublime”, relacionou a verdade como *alétheia* e o sublime, como a principal teoria kantiana da arte; Éliane Escoubas debruçou-se sobre um dos aspectos frequentemente esquecidos do sublime kantiano que é a simplicidade, quando, sabe-se, em geral, a fama retórica do sublime era a de ser um estilo elevado. Já a

¹ Cf. NANCY, J-L. “A oferenda sublime”. Tradução de Cecília Cavalcante Schuback. Aqui neste volume, doravante referido como OS. A primeira frase do ensaio de Nancy é: “O sublime está na moda”. É interessante notar que, para grande maioria dos kantianos, a parte mais importante da CFJ é a “Analítica do Belo”, e não a do “Sublime”, com algumas exceções. Para esse comentário mais tradicional de Kant, o sublime é, como afirma literalmente o próprio filósofo das três *Críticas*, um mero “apêndice” (AA 05, 246). Foram antes as interpretações dos filósofos franceses contemporâneos, lendo e *atualizando* (sem um estrito rigor sistemático) a CFJ, que puseram o sublime kantiano “na moda”. Mais do que isso, a meu ver, transformaram-no numa “teoria da arte”, a qual, é provável, Kant jamais teve a intenção de escrever. No caso do sublime kantiano (mas talvez se possa generalizar e estender a todos os casos, em Kant), é a natureza (e não a arte) o que mais interessa, como se pode facilmente verificar e provar pela seguinte passagem: “*só levamos aqui em consideração o sublime nos objetos naturais* (o sublime da arte é sempre limitado pelas condições da concordância com a natureza)”. (AA 05, 245) Grifos meus.

² “la présentation sensible comme question” (NANCY, 1988, p. 7).

interpretação de Nancy do sublime kantiano segue um viés, ousaria dizer, privilegiadamente “existencial”, no sentido heideggeriano, como se revela nas suas próprias palavras, ao anunciar que, de fato, “a questão da apresentação não é outra, senão a da existência (é necessário dizer: sensível?...) como tal. Se quisermos: do que é *ser/estar no mundo*”.³

Pode-se estabelecer um *pendant*,⁴ ou simplesmente, formar um *par* fértil e simétrico entre os ensaios dos dois amigos na coletânea aqui já exaltada: Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe. Como noutras (muitas) ocasiões, os dois têm pensamentos convergentes, embora em alguns pontos divergentes. Começo pela principal convergência: a meu ver, ambos, alentados por Heidegger (*apesar dele*),⁵ engajam-se no esforço de modificar o traço *negativo* da tradição (mais latina do que grega, é verdade, mas de qualquer forma:) *ocidental* do sublime, inclusive na contemporaneidade,⁶ como é exemplar a fórmula quase canonizada de Jean-François Lyotard, a de que o sublime é “apresentação (disso) que há o inapresentável”. O que uma vez escrevi sobre o ensaio “A verdade sublime” de Lacoue-Labarthe, servirá para resumir o ensaio de Nancy, “A oferenda sublime”? Nele, talvez, também, o sublime tenha rompido a sua camada estética,

³ (*Idem*, p. 9.) Grifos do autor. “la question de la présentation n’est en effet rien d’autre que celle de l’existence (faut-il dire: sensible?...) comme telle. Si on veut: ce qu’il en est d’être au monde.”

⁴ A expressão considerada um galicismo, existe todavia em português e, segundo o dicionário Houaiss, quer dizer “cada um de dois objetos de arte que, destinados a serem dispostos simetricamente, formam um par”.

⁵ Como diz Lacoue-Labarthe, um Heidegger que “não quer saber nada do sublime”, um Heidegger que põe tudo na conta do Belo! No entanto, os dois amigos estão na tentativa de impor ou submeter o pensamento heideggeriano às suas questões (*mimesis*, sublime etc.). Cf. LACOUE-LABARTHE, 2000, p. 254: “Heidegger verte tudo isso, claro, na conta do belo: o remontar do *was ist* ao *dass ist*, de ‘o que é o ente’ ao ‘que seja o ente’, significa para ele remontar sua determinação filosófica do belo, eidético-estética, a uma determinação mais original do belo. Ainda aqui este pensamento – propriamente sublime – do sublime, não quer saber nada do sublime”.

⁶ Cf. OS, p. 252. Além de Lyotard, percebo uma referência sutil, mas crítica (e *indireta*, sem querer fazer jogo de palavras) de Nancy a Gilles Deleuze (1963, pp. 128-129), incluído também nessa tradição “negativa” do sublime. Nesse ensaio, Deleuze reúne vários temas da CFJ – o sublime, o gênio, o interesse racional pelo belo e a teleologia -, sob o problema da *apresentação das Ideias*. Deleuze distingue quatro modos de apresentação *das Ideias* (sublinho isso que parece ser um detalhe ingênuo e sem consequências, o de interpretar o sublime kantiano como “apresentação da ideia”) na CFJ: 1. “O sublime que é a *apresentação direta* que se faz por projeção, mas que permanece *negativa*, apontando para a inacessibilidade da Ideia; 2. O interesse racional pelo belo, trata-se de uma *apresentação indireta* mas *positiva*, que se faz através do símbolo; 3. O gênio, mais uma vez a apresentação é positiva, mas, segunda, fazendo-se através da criação de uma “outra” natureza; finalmente, 4. o modo teleológico, apresentação positiva, primária e direta, que se faz através dos conceitos de fim e de acordo final.”

isto é, *desestetizado-se*, para se lançar no modo de um “pensamento, [e] até de uma ontologia”⁷? Se, de um lado, Lacoue-Labarthe, tomou o caminho da verdade, enquanto acontecimento, de outro, a estrada de Nancy, terá sido a da liberdade, no sentido heideggeriano? Quero dizer, não a liberdade compreendida como livre-arbítrio ou propriedade do ser humano, mas sim aquela que, talvez enigmática e ontologicamente, é designada como “essência da verdade” ou a “que se revela no seio do aberto [e] deixa que cada ente seja o ente que é [?] A liberdade [que] se revela então como o que *deixa-ser* o ente (*lässt das jeweilige Seiende das Seiende sein, dass es ist*)” (HEIDEGGER, 1983, p. 138)?

Quanto à divergência, apresento-a de modo esquemático, citando duas passagens: 1) de Nancy, afirmando que o gesto de Kant, ao chamar a primeira parte da *Crítica da Razão Pura* de “Estética Transcendental”, ou seja, ao tratá-la como elemento da Ontologia,⁸ equivaleria a suprimir a Estética como uma disciplina filosófica:

Kant é o primeiro a permitir a estética dentro do que poderia ser chamado de ‘filosofia primeira’: mas ele também foi, e por essa mesma razão, o primeiro a *suprimir a estética como parte ou domínio da filosofia. Sabemos doravante que não existe estética kantiana*. E depois de Kant, não há pensamento da arte (ou do belo) que não recuse a estética, e que não questione na arte algo que não seja arte: digamos, a verdade ou a experiência, a experiência da verdade ou a experiência do pensamento (OS, p. 240).

2) Numa longa nota ao seu ensaio “A verdade sublime”, Lacoue-Labarthe contesta excepcionalmente (“uma vez não é sempre”⁹, diz ele) a afirmação do amigo e defende que ainda há sim “uma estética kantiana, sistemática e completa” e discorda que o gesto kantiano tenha qualquer consequência sobre a Estética:

Se esse gesto de Kant – o de apoderar-se do título de Baumgarten para designar uma filosofia primeira – não tem nada de indiferente, é por causa do sismo que provoca na dita filosofia primeira: na ontologia. Considerado quanto ao objeto da primeira parte da *Crítica da Faculdade de Julgar*, ele é (antes) indiferente: uma teoria do juízo de gosto é o que perfeitamente se chama no século XVIII uma estética (LACOUÉ-LABARTHE, 2000, p. 271).

⁷ Dou-me o direito de fazer uma auto-referência. FIGUEIREDO, V. *Horizontes do Belo: ensaios sobre a Estética de Kant* (2017), p. 141.

⁸ Ao tratar a *Crítica da Razão Pura* como uma ontologia, ao invés de uma “teoria do conhecimento”, como é entendida mais tradicionalmente, evidencia-se a “influência” heideggeriana de ambos!

⁹ “*une fois n’est pas coutume*” (LACOUÉ-LABARTHE, 2000, nota 31, p. 270).

Extrapolaria os limites desta breve Apresentação, detalhar essa discordância que é complexa e sutil, pois, no final dessa mesma nota, Lacoue-Labarthe reconhece que possa haver, não uma “recusa” (quanto a isso, ele não volta atrás), mas um “desmoronamento” interno à estética (talvez, uma desestetização do belo pelo sublime), pois “o sublime afunda a estética, tira-lhe o próprio chão” (LACOUÉ-LABARTHE, 2000, p. 271).

Ao caracterizar o sublime como uma “oferenda”, Nancy percorre com brilho e originalidade vários temas na “Analítica do sublime” na CFJ, como o disforme, a totalidade, o ilimitado (ou a “ilimitação” [OS, p. 250-251],¹⁰ como ele prefere cunhar, pondo em movimento o ilimitado), o infinito, para culminar na questão da liberdade, interpretando assim, a meu ver, com muita generosidade, o movimento do sublime kantiano em direção à moralidade tão mais restrita e, hoje em dia, questionável. Explicando-me melhor: na “Analítica do Sublime”, o “sublime dinâmico” é certamente mais importante do que o “sublime matemático”, pois cumpre um papel sistemático para a filosofia crítica de Kant como um todo, o qual consiste na passagem do sensível para o racional, entendido nesse contexto como “moral”.¹¹ Por que o sentimento sublime é, para Kant, contraditório? Desprazer que gera prazer? Exatamente porque, diante do fracasso da imaginação em totalizar/unificar o grandioso (o que acontece no “sublime matemático”), diante desse inevitável desprazer, as faculdades do espírito põem-se em movimento e acabam por descobrir essa outra faculdade que é a razão. Essa faculdade, como sabemos, em Kant, pode ser teórica (conhecimento) ou prática (ação moral), e o filósofo de Königsberg faz questão de distingui-la como “superior” à própria natureza,¹²

¹⁰ “Com o sublime, não se trata da apresentação, nem da inapresentação, do infinito, colocada ao lado da apresentação do finito e construída sobre um modelo análogo. Trata-se, contudo, e isso é algo bem diferente, do movimento do ilimitado, ou mais precisamente da *ilimitação* (*die Unbegrenztheit*) que tem lugar na borda do limite e, portanto, na borda da apresentação.”

¹¹ Como Lacoue-Labarthe insistiu com acerto e tantas vezes: o sublime é metafísico, está inserido na tradição metafísica e Kant *não* é uma exceção (no entanto...)! Cf. LACOUÉ-LABARTHE, 2000, pp. 225-277.

¹² KANT, I. *Kritik der Urteilskraft*, (AA 05, 261-262). “Assim como encontramos nossa própria limitação na imensurabilidade da natureza e na insuficiência de nossa faculdade para adotar uma medida proporcional à estimação estética da grandeza do seu domínio, e, ao mesmo tempo, encontramos também em nossa faculdade racional um outro padrão de medida, não sensível – que tem aquela infinitude mesma sob si, como unidade, e em comparação com o qual tudo é pequeno na natureza –, portanto uma *superioridade, em nossa mente, sobre a própria natureza em sua imensurabilidade*, do mesmo modo a irresistibilidade de seu poder nos dá a conhecer, enquanto seres da natureza, a nossa impotência física, revelando ao mesmo tempo,

numa atitude atualmente considerada, para dizer o mínimo, duvidosa e com razão, condenada. Nessa passagem para o suprassensível, na descoberta de uma faculdade superior etc. o desprazer transforma-se em prazer ou, com outras palavras, a dor é “sublimada” pela razão. Mas Nancy escapa da senda estritamente metafísica do sublime kantiano e favorece a leitura da liberdade, num sentido muito mais amplo, talvez de um *ethos*,¹³ lugar do ser humano, ou ainda naquele sentido ontológico, mencionado acima, do *deixar-ser* o ente:

[D]evemos entender o seguinte: que *a oferenda sublime é o ato – ou a moção, ou a emoção – da liberdade*. No duplo sentido de que a liberdade é o que oferece e a liberdade é o que é oferecido – assim como a palavra “oferenda” designa tanto o gesto quanto o presente oferecido (OS, p. 267).

Essa liberdade que, em Kant, não deixa de estar relacionada com a moralidade ou razão prática, nela, Nancy encontra, junto com Hannah Arendt, outro sentido, diferente do racional, superior à natureza etc., mas o sentido de “começo”:

Mas acolher a oferenda, ou se oferecer a ela (a alegria) supõe precisamente a liberdade de um gesto – de acolhida e oferenda. Esse gesto traça um limite. Não é o contorno de uma figura da liberdade. Mas é um contorno, é um traçado, porque isso vem da liberdade, que é a *liberdade de começar, de iniciar*, aqui ou ali, um traçado, uma inscrição, não ao acaso, mas de maneira casual, arriscada, jogada, abandonada (OS, p. 271).

contudo, uma *faculdade de julgar-nos como independentes dela e uma superioridade sobre a qual se funda uma autoconservação de tipo inteiramente distinto daquele que a natureza fora de nós pode atacar e colocar em perigo*,// e no qual a humanidade permanece não rebaixada em nossa pessoa, ainda que o ser humano tivesse de sucumbir àquela violência” (KANT, 2016, p. 158-159, Grifos nossos).

¹³ Num texto magnífico, uma conferência intitulada “Ética e Política – uma tragédia do mundo ético”, dada na Escola Legislativa e publicada nos *Cadernos da Escola do Legislativo* em 1998, José Henrique Santos fez uma leitura inédita da tragédia grega, que normalmente é lida como “destino e necessidade”. Ao invés disso, como ele mesmo escreveu, Santos leu-a “libertariamente” (p.11) como um “teatro da liberdade”! Depois da palestra, alguém faz uma pergunta ao professor sobre a ética e ele respondeu da seguinte maneira: “A palavra ‘ética’, em sua origem, *éthos*, possui dupla significação. De um lado, quer dizer ‘hábito’, ‘costume’. De outro, significa o local onde as pessoas se encontram. Por exemplo, há uma ética ou um *éthos* muito antigo entre os animais, o curral. O covil das feras é o *éthos*, ou seja, é o lugar delas. Qual é o *éthos* do homem? Aí está a questão. E a resposta é a liberdade!”

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, G. L'idée de genèse dans l'esthétique de Kant. *Revue d'Esthétique*, 1963.
- FIGUEIREDO, V. *Horizontes do Belo: ensaios sobre a Estética de Kant*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2017.
- HEIDEGGER, M. Sobre a essência da verdade. Trad. de Ernildo Stein, Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- KANT, I. *Crítica da Faculdade de Julgar*. Trad. de Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.
- LACOUÉ-LABARTHE, P. A verdade sublime. Tradução de Virginia Figueiredo. In: LACOUÉ-LABARTHE, P. *A imitação dos modernos*. Ensaaios sobre arte e filosofia. Organizadores: Virginia Figueiredo e João Camillo Penna. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.
- NANCY, J-L. A oferenda sublime. Tradução de Cecília Cavalcante Schuback. Aqui neste volume.
- NANCY, J.L. Préface. In: NANCY, J.L.; LACOUÉ-LABARTHE, P. et all. *Du sublime*. Paris: Ed. Belin, 1988.
- NANCY, J.L.; LACOUÉ-LABARTHE, P. et all. *Du sublime*. Paris: Ed. Belin, 1988.
- SANTOS, J.H. Ética e Política – uma tragédia do mundo ético. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, 1998.

ⁱ **Virginia de Araujo Figueiredo** é professora titular aposentada do Departamento de Filosofia da UFMG, possui Graduação em História (1978) e Mestrado em Filosofia (1987) pela PUC-RJ; Doutorado em Filosofia pela Université de Strasbourg (1994); Pós-doutorado no Boston College (2003) e na Université Marc Bloch de Strasbourg (2010). Trabalha principalmente na área de Estética, com ênfase nos seguintes temas: Arte e Ontologia, Poéticas no Idealismo Alemão e Estéticas Contemporâneas. Autora do livro *Horizontes do Belo*, Editora da UFMG, em 2017. **E-mail:** virfig1955@gmail.com